

Entre sonho e despertar:

a dimensão estética em psicanálise

Maria Inês França

A dimensão estética em psicanálise remete à constituição do sujeito pelo destino das suas pulsões. Ela se caracteriza por uma “experiência de fragmentação”, que põe em evidência a angústia e o desamparo conaturais ao ser humano.

*Com que realidade o mundo é sonho
Com que ironia mais que tudo amarga
Me não confrange fria e negramente
Esta infinita pretensão a ser.*

Fernando Pessoa

Através da metáfora sobre a “relação entre sonho e despertar”. Pessoa nos mostra, de forma exemplar, a dimensão estética de seu estilo apresentando a potência da verdade na própria forma de dizer. Esta forma de dizer é a expressão de uma singularidade, algo da repetição do traço-fonte, e causa criadora de um texto singular em um espaço de liberdade subjetiva, a palavra poética. Neste sentido, a

criatividade do discurso é sustentada por uma diferença que introduz no texto a alteridade, o campo do Outro como lugar do inconsciente, mostrando o eu descentrado e diante daquilo que essencialmente lhe escapa.

A expressão, como o que se apresenta em um fora do discurso, representa o que há de enigmático no dizer, enfatizando o caráter polissêmico da palavra, que no contexto da descoberta interpretativa do “para além” do enunciado vai nos referir ao “como dizer”, como o que enfatiza a diferença entre o sujeito interpretante e o eu fenomênico, pois marca que “o que

Maria Inês França é psicanalista, membro da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID), doutora em psicologia pela PUC/RJ, autora do livro *Psicanálise, Estética e Ética do Desejo* (Perspectiva), e de outros trabalhos. Este texto foi apresentado no Instituto Sedes Sapientiae, no evento “Acontecimento Estético na Clínica Psicanalítica”, em 1996.

se diz é sempre mais do que se quer dizer”, solicitando o lançamento do sujeito em um contexto de dizeres significativos.

A minha leitura sobre a dimensão estética em psicanálise se remete a estética do desejo e do dizer inconsciente, porque marca a constituição do sujeito fundada nas pulsões e nos seus destinos e registrada pelo testemunho da angústia, por ser uma constituição marcada pela perda e pela separação, cujos jogos de dor, que daí decorrem, colocam o sujeito diante do desamparo estrutural. Desse modo, a estética encontra na estrutura afetiva não só a expressão e a forma de dizer no discurso, mas também o sentido fundante de um sujeito fraturado e incompleto, ficando a verdade do discurso estético referida à revelação de um corpo inserido traumáticamente na linguagem. O efeito do desamparo se opõe às ilusões narcísicas de completude, destituindo-as e trazendo a emergência do “*Unheimliche*” do desejo, ou seja, a impressão estranhamento familiar de uma alteridade radical que tem poder de expressão. Isto introduz a estranheza inquietante do Outro no eu, produzindo um efeito de fascínio e de feitiço. Esta reflexão afetiva angustiante é a linguagem da paixão pulsional operando em um mundo fantasmático. É esta operação que conduz à dimensão da verdade parcial do desejo, mostrando que o caminho que leva a ela se funda em um engano. Caminho que se tropeça, encontro com o real, onde se desvela um engano fundamental, desvelamento onde o discurso acha o seu limite.

Desse modo, minha abordagem apresenta a psicanálise *sendo* estética e não *se ocupando* da estética, na medida em que a perspectiva estética marca, no plano constitutivo do sujeito, um horror traumático do qual emerge um erotismo. Ou seja, a causa analítica tem como fundamento que o objeto, que é causa do desejo e da angústia do sujeito, é

perdido. Não se encontra o objeto – “*finden*” – mas busca-se reencontrá-lo. – “*Wiederzufinden*”. Funda-se, assim, o lugar do inconsciente como inscrição da diferença e como estrutura aberta.

Neste sentido, a psicanálise mostra seu pensamento transgressivo ao apresentar o sujeito do desejo, cuja verdade é sempre parcial, sujeito este em um permanente movimento de “*vir-a-ser*”. Desde

Minha abordagem
apresenta a
psicanálise *sendo*
estética e não
se ocupando da
estética.

Freud, a psicanálise não se reduz ao discurso da consciência, nem ao fenômeno, ela opera trazendo para o centro do seu discurso o conceito de inconsciente e de pulsão e apresenta sua fecunda forma argumentativa em torno de um sujeito desejante na sua relação com o real e com o objeto causa de desejo. Desse modo, a ruptura promovida pela psicanálise enquanto saber nos per-

mite coloca-la numa relação de afinidade com a estética diante da interrogação do tema do sujeito do desejo remetendo a uma “experiência estética” como uma “experiência de fragmentação” e não uma experiência totalizante do belo harmônico.

É o belo, como efeito exemplar da estética do desejo, efeito causador de desejo que, tal qual o “objeto a”, é presentificado no imaginário como olhar, o que dá as possibilidades neste registro dos jogos de ocultar e revelar. Neste sentido, é o belo causa de desejo que nos conduz à “visada” do desejo, “visada” erótica que faz laço social e que é perfeitamente estranha ao eu.

O eu e as imagens

Assim, vejamos: o eu se estrutura na imagem dada a partir de um Outro, e é pela intervenção deste Outro, marcado por alteridade e duplicidade, que o eu fascinado se conduz passivamente na trilha imaginária. Esta marca representa que carregamos o Outro do simbólico, e o outro semelhante é a forma imagética do próprio corpo. Esta imagem irresistível ligada a uma forma é uma representação inconsciente que reflete um desejo duplicado, que animará permanentemente nossas paixões. Portanto, através da perspectiva da imagem, podemos dizer sobre uma bela forma, que está na “origem” do símbolo, na forma do corpo erogeneizado e confirmado pelo olhar de outro, mostrando a “vocalização essencial” da imagem para se realizar como símbolo. Porém, o eu está sempre acompanhado de seu ideal como um outro que ele aspira ser e ao qual nunca vai-se igualar. Portanto, o eu nunca é UM, é sempre UM mais UM outro eu referido ao ideal, ideal este espelhado no outro e que carrega a ambivalência e a duplicidade das paixões: amor e ódio. Isto quer dizer que o que o eu vê no outro é modelo de identificação

ao mesmo tempo que lugar de rivalidade. É o ideal do eu o lugar significativo de onde surge a possibilidade de o eu se sentir amado, embora como “ser fraturado”. O ideal do eu é lugar secundário que substitui o narcisismo primário e onde o eu constrói permanentemente sua imagem como ideal do outro, a partir de traços significantes nos quais vai-se espelhar ao mesmo tempo que discordar. A imagem que dá a forma desejável e que o sujeito desejante sempre vai buscar em termos

to do desejo, de retorno do objeto, objeto que lhe é excêntrico, através da percepção inconsciente do eu que captura as imagens em um mundo-imagens sob a marca do desejo sexual. Isto quer dizer que o eu apenas percebe imagens encobridoras do “objeto a”, objeto não especularizável justo pelo fato de definir o contexto da pulsão. A pulsão não tem imagem, porém sua atividade acontece através das imagens. Neste sentido, o “objeto a” é enigmático por ele evocar o estranho, que é

de estrutura psíquica passa então a conceber, além da ordem da inscrição, impressões sem sentido que não se encontram inseridas no espaço psíquico da circulação dos significados. São impressões que não passaram por uma codificação da linguagem. É dessa forma que o Isso, enquanto pólo pulsional e lugar psíquico, ultrapassa o registro ordenado do inconsciente, permitindo a inclusão na realidade psíquica das impressões angustiantes dos “vazios de inscrição”, ou seja, daquilo que se encontra marcado como trauma e que não foi inscrito. E o que não é inscrito na ordem do simbólico permite o confusãoamento do imaginário com o real, tal qual Freud vai-nos falar na experiência da estranheza inquietante, como aquela que evoca o efeito de desamparo.

Lacan, vai afirmar que, por qualquer lado que abordemos o fenômeno do belo, encontraremos a dor escondida e delineada por trás da imagem, tal qual o horrível estranho que ameaça. Esta ameaça é o significante de um limite, aquilo que intimida o desejo: o poder do sofrimento. Desse modo, o belo indica o limite em que o “ser” subsiste no sofrimento, um umbral, como “visada” do que não deve ser visto no para além deste limite.¹ O fascínio do herói trágico está neste ponto da apresentação da “visada” do belo em sua relação com o desejo. Emerge aquilo que de trágico se torna visível no fundamento do desejo: o limite entre a vida e a morte. Limite que produz o “clarão” evanescente do belo, sua resplandescência como causa de desejo: é a criação estética. Este “clarão” causa um “efeito de cegamento”, que se desdobra em efeito de acesso à verdade parcial do desejo. Nomeei este cegamento angustiante de “lapso de imagem”, lapso que é corte no desfile de imagens.

O “lapso de imagem”² é a idéia que sustenta o efeito significativo dos mecanismos inconscientes

O fascínio do herói trágico está nesse ponto da “visada” do belo em sua relação com o desejo. Emerge assim o fundamento trágico do desejo: o limite entre a vida e a morte.

de ideal é a própria imagem da paixão que se busca no outro e, por outro lado, esta imagem é também aquela do objeto que ele supõe que vai causar o desejo do outro.

Além disso, o eu como colagem de identificações imaginárias e alienado no imaginário desconhece o poder constitutivo das imagens e aquilo que lhes dá força, o objeto causa de desejo. Este objeto-causa, escondido nas imagens, é invisível para o eu. Estas imagens estão marcadas e causadas por “a”. Desse modo, o eu perceberá inconscientemente “a” através do véu alienante de uma imagem intensamente marcada pelo falo imaginário. Assim, há uma operação, no sujei-

da ordem da pulsão, do sem imagem. Esta evocação remete a uma intensidade pulsional, campo de intensidades indeterminadas que constantemente busca expressão, exigindo um trabalho psíquico, um movimento desejante referido à alteridade. É este campo estético que ganha seu contorno na psicanálise quando a linguagem é concebida de forma mais ampla. A linguagem, na construção teórica freudiana, assume o lugar de condição das representações.

A partir de sua segunda tópica, o transbordamento pulsional é uma forma de ultrapassagem do registro da representabilidade e é irreduzível ao campo da simbolização. A idéia

que operam uma falha no imaginário, causando a nudez da imagem. O imaginário falhado no “lapso de imagem” faz emergir um vazio angustiante pela ausência de forma, faz revelar o olhar como “objeto a”. O sujeito desejante, lapsado das imagens que sustentam os objetos de

jeto a”. Esta nudez narcísica faz brilhar o objeto em sua função de belo/horrível. Criamos a partir deste vazio deslumbrante, sempre a ser descoberto, e os produtos criados determinam, enquanto causa de desejo, outras produções que enlaçam os sujeitos. É o que há de mais

nálise como sendo *unheimlich*, na medida em que a estranheza inquietante apresenta um “Não” que tem seu próprio contorno no saber psicanalítico.

O *Não* do *unheimlich* não é um ato de palavra: é um ato afetivo, pois não há admissão intelectual alguma, não há representação formulada. É uma negatividade que se passa na ordem do afeto e, portanto, está implicada em um movimento emocional que tem a angústia como central. Esta negatividade é o reconhecimento afetivo, único possível, da falha estrutural, de que o simbólico não recobre o real e indica a privação de sentido diante da ausência de objeto.

Assim, o “não” da estética do desejo é constitutivo da própria trama da vida psíquica e remete à coisa mais íntima e, no entanto, à mais estranha de nosso ser: o “não” do exílio de si, a quebra narcísica do estranho encontro do Isso no Eu. Vale lembrar aqui o mais conhecido aforisma freudiano “*Wo es war, soll ich werden*”. Há neste aforisma o problema com o qual a psicanálise nos confronta, que é o de um desejo desconhecido de nós próprios, de uma experiência que nos descentra e nos submete à singularidade do desejo.

A psicanálise, desde Freud, sustenta o paradoxo do esquema de vazio central em torno do qual se articula a economia psíquica. O campo transferencial da clínica atesta a evidência desta questão econômica, estrutural e dinâmica, presentificando o registro da pulsão de morte. A contrapartida da ação de Thanatos é Eros, o significante de uma escapada. Eros provê o fundamento estético, não enquanto algo “benigno” sobre a sensibilidade, mas como um imperativo erótico que se articula ao imperativo simbólico, que de acordo com Vital Brazil nos mostra que “o homem não pode não significar”.³ A dimensão estética em psicanálise sustenta que a palavra sempre se confronta com o defeito es-

O “lapso de imagem” é efeito da destituição narcísica diante de uma ruptura do aprisionamento imaginário, relativo à onipotência do eu. É a queda do véu encobridor do objeto feito de falta, o “objeto a”.

desejo, perde momentaneamente suas referências imagéticas e experimenta um confusão angustiante e estranho, que indica o surgimento de uma paixão discordante e destrutiva, intercessão entre imagem e real. Este instante de lapso, onde o desamparo do eu é efeito de uma possibilidade de destruição do “ser”, se associa à trágica constituição do sujeito e se fundamenta na estrutura narcísica diante da ameaça de sua destituição de poder. O “lapso de imagem” é efeito da destituição narcísica diante de uma ruptura do aprisionamento imaginário, relativo à onipotência do eu. É a queda do véu encobridor do objeto feito de falta, o “ob-

unheimlich no desejo, princípio estético que se apresenta como fatalidade erótica, que opera no psiquismo interrompendo a ordem estabelecida, desorganizando e deslocando a estrutura a partir do tropeço na falta fundamental que a constitui.

Estética e negatividade

Neste sentido, a concepção estética que podemos retirar do pensamento psicanalítico é uma negatividade, pois a dimensão da felicidade e da plenitude está fora do plano da criação. Enfatizamos o princípio estético para a psica-

trutural do discurso, com uma separação irreduzível entre o enunciado e o que se deixa por falar.

Em 1900, Freud⁴ apresenta o sistema de expressão que o sonho constitui. A isso ele nomeou de “consideração pela figurabilidade” (*Rücksicht auf Darstellbarkeit*). São pensamentos representados em imagens e que figuram no sonho como elementos significativos. A sobre-determinação do fato psíquico em um “outro cenário” valoriza a presença das possibilidades dadas da representabilidade na “apresentação” (*Darstellung*). A expressão se refere à noção freudiana de *Darstellung* como as apresentações que nos remetem às impressões da exigência estrutural do sujeito, impressões (*Eindrücke*) do que é indizível no plano da consciência e que apresenta o contexto da linguagem para além da ordem, pois se abre para o discurso fragmentado e descontínuo e para a concepção de um sujeito fraturado e em desordem diante de um mundo auto-determinado e indiferente aos projetos do sujeito na modernidade.

A linguagem segundo Benjamin

Sobre este sujeito na modernidade e sobre as afinidades entre psicanálise e estética, encontramos na visão de Walter Benjamin e na sua concepção de linguagem uma articulação relevante para a psicanálise e sua fundamentação estética.

Benjamin, na sua abordagem, toma a via oposta da reflexão moderna da teoria da linguagem e se dirige às concepções míticas, no sentido de refletir a partir do mito para demarcar a sua compreensão filosófica. É uma posição que se opõe a todo o tratamento dado à linguagem na época de Benjamin. Para ele é um paradoxo pedir que a linguagem e a escrita incitem à ação, pois a linguagem já é uma ação. Ela não serve aos objetivos nobres, ela

é um ato, “um debruçar-se da linguagem sobre si própria”.

A filosofia, para Benjamin, teria de abrigar idéias díspares – sim e não – abrigar a convivência das diferenças na idéia. Em Freud, a espirotuosidade do chiste se afina com o pensamento de Benjamin no sentido de um conhecimento imediato, pois a palavra adquire seu valor pleno. Assim, como o chiste, a palavra poética reivindica encontros-surpresa, inesperados, achados. Benjamin concebe o ser como

construtor de novas constelações de idéias poria em cena o caráter de fracasso da unidade e enfatizaria o fragmentário, uma estética cuja perspectiva se vincula à idéia de subverter a pretensão de reunir o belo à harmonia, à totalidade e à aparência. O aspecto fragmentário arranca as palavras de seu contexto, como faz o trabalho do psicanalista, do filósofo e do poeta. É um trabalho incessante da língua sobre si própria e que traz a dimensão arcaica, criativa de volta. Há uma magia da

A expressão não se manifesta pela linguagem, ela está na linguagem. Isto permite dar ênfase à multiplicidade das diferenças e dos estranhamentos dos vários níveis discursivos. Trata-se de mostrar a língua se revelando como estranheza fundamental.

expressão constante e, portanto, tudo é linguagem. Desse modo, a expressão não se manifesta pela linguagem, ela está na linguagem. Isto permite dar ênfase à multiplicidade das diferenças e dos estranhamentos dos vários níveis discursivos. Trata-se de evidenciar o aspecto fragmentário, a estranheza própria da língua, ou, ainda, *trata-se de mostrar a língua se revelando como estranheza fundamental*.

A concepção de linguagem em Benjamin se articula à dimensão estética em psicanálise, justo pelo viés do estranhamento que vem da experiência inexorável entre o dito e o que se quer dizer. Este espaço

linguagem, uma diferença expressa na imediatidade da idéia na linguagem. Há aí algo que se assemelha a poesia e a arte pela arte como um momento de resistência da linguagem contra o caráter de banalização das sociedades modernas e de consumo da linguagem. Benjamin escapa de qualquer caráter instrumentalista da linguagem e enfatiza um mundo carregado de sinais: a linguagem como uma realidade mágica capaz de despertar o real.

Efeitos como a criação poética, o chiste ou a interpretação psicanalítica apresentam o conhecer imediato das palavras. Elas se encontram e produzem achados, es-

tabelecem conexões inusitadas. Neste sentido, a estética psicanalítica se refere a um saber fundado na escuta do analista e no discurso do analisando atravessado pelo excesso e pela intensidade das paixões e de suas expressões fenomênicas no campo transferencial da clínica. Expressões e impressões do dizer inconsciente que apontam para o traumático de uma experiência de total falta de recursos, um nada-ser, que é a contrapartida do sonho de completude no qual a promessa de realização narcísica se sustenta em um tudo-ser. Lacan⁵ afirma que o desejo nasce da inversão de valor da falta, que ele nomeia de “poder da pura perda”. Esta inversão se apresenta na dimensão estética de intensidades das paixões que se presentificam nestes fragmentos de caso clínico.

Uma vinheta clínica

Um casal me procura para entrevistas. Eram dois discursos em torno da mesma cena: a vida conjugal. De um lado a mulher, que já fazia análise, coloca a situação do casal como intolerável, deixando transparecer seu desespero atacando o marido com suas queixas. De outro lado José, o marido, escuta e concorda passivamente com quase tudo que ela diz, menos no querer se separar. O paradoxo e o enigma situam-se na minha escuta sobre o discurso dele. O que ele quer? Pare-ce⁶ um réu que ouve sua condenação, aceita-a, mas não quer cumprir a pena.

O tom de José nas entrevistas preliminares é firme, argumentos claros, racionais e uma postura até certo ponto prepotente, esconderijo da dor de seu desamparo alternado pela revelação de uma crença na completude. Comenta: “devemos tentar tudo para não separar”.

Após algumas entrevistas parecia que a posição dos dois personagens havia se cristalizado em torno

da oposição separar/não-separar. O blá-blá-blá do casal era um repeteco sem fim de queixas do dia-a-dia, até que em certo momento, o não-desejo de separar de José associa-se a um saber sobre abandono, sobre desamparo de criança. Surge um desejo de revelar associado a uma angústia diante de trazer de volta algo deixado em outro país,

se repetia e mais uma vez renovava-se, porém desta vez manifestava-se com algo da ordem de uma explicitação de uma demanda cujo endereço me comprometia.

Diante da minha pergunta: “qual é o segredo?” José quebra seu silêncio, interrompe a fala provocativa de sua mulher e diz meio entre o envergonhado e o angustia-

A estética psicanalítica se refere a um saber fundado na escuta do analista e no discurso do analisando atravessado pelo excesso e pela intensidade das paixões.

lugar longínquo e inacessível. Uma timidez se descobre e toma corpo na transferência. O eco deste “clarão” aparece na despedida desta sessão: José apoia-se na mulher, segura-se em seus braços, mantendo seu corpo escondido atrás do dela. A busca de um corpo protetor parecia uma defesa e um protesto diante de uma ameaça.

Pouco tempo depois surge o convite para a revelação do desejo de José. A mulher numa atitude provocativa, com ameaças irônicas, tenta induzi-lo a falar, como querendo desnudá-lo e gozar com isso. Este jogo de domínio mais uma vez

do: “vindo para cá eu pensei alto e disse que você era a loura da minha vida”. A presença sintomática da paixão refletia um drama que não mais se colocava no conflito de casal. A questão inicial de como escapar do inescapável, de como desejar o indesejável encontra na formulação desta paixão/angústia o endereçamento de uma demanda de análise para José.

A construção da nova situação estava por começar. A estranheza do estar sozinho comigo foi colocada em primeiro plano e um silêncio angustiante tornava-se o lugar comum das primeiras sessões. Na que-

bra do silêncio, José anuncia: “vi que a terapia de casal não ia resolver nada, tenho coisas para dizer e acho que só posso falar para você”. José pede para que eu o escute. Continua, dizendo que o motivo de fazer análise se liga às suas dificuldades sexuais, tem ejaculação precoce e mesmo nos tempos de adolescente nunca “zoneou” muito: “não sou um

pai permanecia misteriosa para José, deixando ele escapar sua curiosidade e a vontade de investigar sobre essa ausência.

Um ano após este fato, a mãe vem se encontrar com o pai no Brasil, acompanhada do filho mais velho e da filha caçula. José, junto com outros três irmãos, é deixado em Portugal. Ao longo de dez anos José

tões postais. Sentia tudo aquém de mim, o que tornava meu diálogo com eles impossível”.

Aquém? De que lugar José me falava? Pois se este reencontro desastroso estava sendo contado dentro de um outro reencontro! José repetia exaustivamente que eu era a coisa mais importante na vida dele. O jogo transferencial e a realidade do fato transferencial permitiam indicações valiosas. José oferecia-me o lugar de seu próprio ideal e trazia-me um corpo renascido pela paixão.

A paixão e seus destinos

Este excesso transferencial é acompanhado de discursos sobre seus sustos, seus medos de se machucar: “não me lembro de muita coisa que aconteceu comigo, mas sei que levei um tombo de uma escada” (faz referência à semelhança com a escada do meu consultório) “e me machuquei muito. Tenho até hoje uma marca na virilha, como se tivessem sido operado, mas não sei se fui”. José me fala de uma marca significativa, que parece revelar algo da ordem da dúvida e do mistério. Lembra dos medos noturnos, medos de escuro. Olhava sempre embaixo da cama e confessa que faz isso até hoje. Havia também o medo do dormitório silencioso, pois nas férias o orfanato ficava vazio e às vezes José lá permanecia. Outras vezes os irmãos e ele iam para a casa de um tio, ou ainda eram transferidos para outro colégio. No entanto, havia sempre a expectativa de que os pais voltassem para buscá-lo: “foram longas esperas”.

Percebo que esta longa espera goza de um estatuto particular. Na insistência da paixão, José me fala da preservação de imagens idealizadas e da certeza de que as reencontrará em algum tempo. Era como se tivesse se operado uma espécie de suspensão sem desinvestimento do movimento identifica-

O excesso transferencial era acompanhado de discursos sobre seus sustos e seus medos de se machucar: José oferecia-me o lugar de seu próprio ideal e trazia-me um corpo renascido pela paixão.

atleta sexual, nem nunca me vi um fissurado por sexo”.

Junto a essa queixa José me conta uma história de abandono e de decepção na hora de um reencontro. José nasceu em Portugal, numa pequena cidade perto da fronteira com a Espanha. Seu pai era um comerciante de “secos e molhados”, que conduzia seus negócios prosperamente. José pontua com certo orgulho: “naquela época, minha casa era a maior e a mais bonita de toda a cidade”. Repentinamente, o pai de José deixou o país e veio para o Brasil. Nesta época, José tinha quatro anos. A saída do

passa de uma escola-orfanato para um colégio-seminário, praticamente sem notícias da família. As poucas correspondências aconteciam por ocasião do Natal, da Páscoa e do aniversário. Fotos, não havia nenhuma.

A decepção maior é descrita no momento de sua chegada ao Brasil. José tinha então quinze anos. Mostra todo seu desagrado ao falar dos quatro anos que se seguiram: “foram os piores da minha vida, as confusões familiares eram muitas”. Sentia-se um estranho: “aqueles não eram meus pais, nem o país que eu sonhava quando recebia os car-

tório, uma espécie de curto-circuito, já que ele continuava a investir na certeza da aparição de uma satisfação que não faltará. Era a volta do filho pródigo e eu, analista, me prestava à encarnação desta crença, à manutenção de uma promessa de realização, como o acidente passional, ocorrido em determinada sessão, revelava.

Transcorridos uns quatro meses de análise, meses de tentativa de intermediar toda a confusão do clima passional, José chega a uma sessão com uma expressão bastante angustiada. Pergunto o que houve e segue-se um longo silêncio. Mais uma vez começa a falar da minha figura de mulher/analista, e ao mesmo tempo, insiste em negar uma intervenção feita numa sessão anterior sobre o fato de que ele parecia não querer fazer análise. Retruca dizendo-me que eu estaria negando a evidência da paixão dele. Repentinamente, José se levanta, ajoelha-se na minha frente e me abraça. Apesar de absolutamente surpresa com aquele ato, interrompo o abraço, termino a sessão, repetindo o que em geral dizia aos finais de sessão: “até a próxima”.

Seguem-se duas faltas significativas até porque José não faltava. Diante disso, telefono para ele. Sua voz traduzia muita angústia e confessa que não pretendia vir mais às sessões e queria “a-penas” pagar, ao que eu respondo: “então, venha”. A aposta havia sido alta. José tentou me transformar em um tudo, tentou consolidar na transferência seu projeto de plenitude.

Na sessão em que ele retorna, mostra-me seu constrangimento e o movimento de transformar o *não* em *nada*. Isto é o que falo para José diante da sua tentativa de abandonar a análise. Era como se não tivesse escolha. Minhas intervenções só podiam ser compreendidas como um modo de não receber.

Surge um sonho sonhado três vezes seguidas na mesma semana:

“matei alguém: sinto muita angústia porque me vejo no meio de um grupo, que pode ser o colégio em Portugal, e sei que vou ser descoberto”. José ironiza: “será que eu

Ele tentou me
transformar
em um tudo, tentou
consolidar na
transferência seu
projeto de plenitude.

quero matar você?”. Nega imediatamente esta questão: “você seria a última pessoa do mundo a quem eu mataria”. As associações que se seguem são da ordem de uma forte angústia ligada à separação que se aproxima por motivo de uma viagem de turismo de cerca de trinta dias. José havia me avisado sobre esta viagem desde seu planejamento feito há alguns meses atrás. Sobre seus planos comenta que quer encontrar uma antiga namorada e quem sabe ele consegue me substituir. Pergunto quem ele quer matar, já que ali não tem namorada e sim analista. As associações continuam e José lembra de um filme cujo tema é o entrelaçamento de paixão e morte. Trata-se de um casal apaixonado que morre após fazerem amor. Ela o mata e depois se suicida.

A dimensão de uma culpa trágica entra em cena. A tentativa de interromper a relação analítica havia fracassado pelas vestes da paixão amorosa. O desejo de acabar com o investimento na análise aparecia com nova roupagem. Mais uma vez ele tentava radicalizar seu sofrimento psíquico inevitável. A angústia pulsava e permitia a explicitação da idéia de morte reunida à sua sexualidade. Por que querer matar a relação de análise? O que ele quer manter em silêncio? O que pode ser descoberto?

Após minhas indagações, José traz em uma determinada sessão uma confissão carregada de culpa: durante cerca de seis anos, a partir de sua chegada ao Brasil, José manteve relações sexuais com sua irmã caçula, e desde a época deste relacionamento vive o medo de ser descoberto e condenado. Após o primeiro impacto de ter podido me revelar seu segredo quase inconfessável, José me diz ter imaginado que eu já havia descoberto esta relação durante as entrevistas preliminares. Suas dúvidas surgiram diante de uma pergunta que eu havia feito sobre sua relação com a irmã, pergunta que lhe havia causado muita estranheza. Acha mesmo que esse foi o motivo de desejar fazer análise. O valor de sua demanda de análise amplia-se. Por um lado é por medo de ser descoberto que ele se proíbe revelar, colocando a impossibilidade do desejo enquanto movimento e mantendo o crime como permanente, como crime irrecorrível. Por outro lado, é por interesse em ser descoberto que ele permite uma análise, como que querendo deixar escapar a vítima.

Além disso, o momento da confissão coincide com o momento de sair de férias, deixando assim o segredo comigo e consolidando a transferência pela revelação do crime.

Ao relatar sua relação com a irmã, José deixa escapar a marca de um romantismo: “foi uma relação

pura, bonita". As vezes em que tiveram relações sexuais na cama dos pais são descritas como experiências da ordem do "nada igual". A idealização e a fixação imaginária estavam revestidas de uma capa romântica e com sabor de realidade. Isto parecia complicar a não manutenção da promessa de um amor idealizado e de suas fantasias de plenitude. A questão da ejaculação precoce nunca apareceu na relação com a irmã, o que fazia deste sintoma uma fuga da insatisfação do ato sexual, sintoma revelador de suas interdições e de seus medos de se perder no corpo do outro. Era uma forma de se defender do sacrilégio cometido e da violação do corpo sagrado. Interrogo na transferência os ataques de raiva e de paixão como forma de não aceitar restrição alguma.

Os tempos que se seguem antes da viagem que se aproxima são tensos e marcados pelo descontrole e pelas tentativas de dominar a ameaça de separação. Todos os momentos significativos da relação de José comigo repetem a tragicidade de sua história: feriados, terminos de sessão, finais de semana e atrasos soam a abandonos ou perdas irreparáveis.

Um dia, após anunciar o dia da ida e o da volta da viagem, José conta um sonho: "estava numa estação de trem, eu ia do Brasil para a Europa, e percebo que só tenho malas pequenas, mas eu sabia que tinha malas grandes que não estavam lá. Perco o trem e minha bagagem, mas volto em casa para apanhar. Tinha alguém comigo". Nas associações fala de uma viagem de trem que costumava fazer da aldeia onde morava para o colégio. Um dia perdeu o trem e ficou sozinho na estação. Lembra que chorou muito e que um chofer de táxi o levou para o colégio.

A volta à análise, após a chegada da viagem, é marcada pelo distanciamento. José resiste a este retorno. Sua mulher volta grávida, po-

rém um aborto inesperado interrompe a gravidez. José sente muito esta perda. Segue-se a este fato, uma reaproximação da relação de análise e uma reintensificação transferencial. É nesta época que José me traz uma gravação de música francesa, (França é meu último nome) música que representa a tristeza de se ver excluído de um mun-

sa com um amigo, no dia anterior, sobre o estupro de uma menina. Novamente aparece o solo do "desejar o indesejável" e ao mesmo tempo a vivência de plenitude como que agarrada libidinosamente ao romance. O sonho revelava a relação incestuosa romanticamente realizada. Por outro lado, José também mostrava o gozo/morte, a violência se-

Todos os momentos significativos da relação de José comigo repetem a tragicidade de sua história. A idealização e a fixação imaginária estavam revestidas de uma capa romântica e com sabor de realidade.

do que não o quer. Comenta que são músicas de sua adolescência e que tinha passado o final de semana escutando, como se retornasse a um lugar muito conhecido. Descreve o som deste lugar como nostálgico e solitário. Pede para que eu fique com a fita e a escute.

Novo sonho vem dar sentido a sua música. Desta vez está em um lugar muito bonito, só ele e uma filha mulher. Um enorme sentimento de felicidade e prazer o invade: "como se só nós dois existíssemos no mundo". Em suas associações lembra, com horror, de uma conver-

xual, através da idéia do estupro e do horror diante da possibilidade de realização do impossível.

Seguem-se sessões com vários sonhos eróticos ao mesmo tempo que pensamentos eróticos e estranhos também parecem invadi-lo intensamente.

O mais estranho de todos é o que vem à sua cabeça na hora de agradecer a Deus, como é hábito todas as noites. São imagens da mãe em um bordel, o que é incompatível com a figura de mãe-santa que José preserva. Novo acesso incestuoso aparecia e agora no momen-

to de falar com Deus. O que estava em questão e eu assim interpreto era seu erotismo diante do corpo da "santa-puta". As sensações de pra-

sar de José me pedir liberdade da prisão imaginária, muitas vezes parecia não haver saída: ou lugar ilusoriamente seguro, ou privação e

que desafia qualquer objeto a dissimular a divisão constitutiva do sujeito, e que significa a dor da impossibilidade do acesso à certeza de uma causa última.

O trabalho clínico com José me interrogou sobre a inquietante vizinhança da angústia do real com a paixão imaginária. Desencanto e encanto: oposição significativa produtora de linguagem. Ao exceder-se em linguagem imaginária José cai no umbral angustiante do real: surge o desamparo. Experiência clínica que testemunha a instauração do vazio pelo pleno de sua consistência e apresenta a força do imaginário assustadoramente real.

É assim que a linguagem na sua radicalidade expressiva visa recuperar as significações possíveis, devolver às palavras uma virtualidade significante. São as palavras na sua dimensão estética criando novas idéias e revelando onde os efeitos de verdade têm sua morada. ■

A fragilidade da paixão se deita no chão transferencial diante da dor de uma ausência radical, que se impõe como corte. Este real irreduzível significa um ponto de tropeço absoluto; esta dimensão da verdade implica um exercício rebelde e angustiante para o sujeito.

zer, ao tocar a imagem deste corpo santo, transformavam-se, imediatamente, em angústia.

Além disso, suas associações levam-no às imagens de criança que por sua beleza era escolhido todo ano para ser o menino Jesus nas festas de Natal. José, então, fantasiava-se de menino-Deus, todo-poderoso, tal qual o sonho sobre o hermafroditismo revelava. Nesse sonho vê a irmã hermafrodita: "ela tem tudo que uma mulher tem e também um pênis: sinto-me excitado com esta imagem e acordo assustado." Os sonhos de angústia se repetem e levam-no para uma enigmática sensação de desamparo diante de sua potência.

Durante muito tempo o espaço transferencial foi invadido pela repetição incansável de uma compulsão para a satisfação plena. Ape-

desamparo. Nesta perplexidade, José comenta numa sessão: "apesar de menino/Deus eu me sentia tão pobre e tão miserável".

O testemunho do texto clínico de José afirma a experiência excessiva na clínica, onde as intensidades e os afetos nunca estarão à vontade dentro do campo da palavra. Algo sempre resta de uma inserção traumática. Este real irreduzível significa um ponto de tropeço absoluto; esta dimensão da verdade implica um exercício rebelde e angustiante para o sujeito.

José apresenta a força intrusiva do imaginário e o real do seu desamparo. A fragilidade da paixão se deita no chão transferencial diante da dor de uma ausência radical que se impõe como corte e separação. Uma experiência de excesso, um corpo ameaçado de aniquilamento,

NOTAS

1. J. Lacan, *Le Séminaire VII, L'éthique de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1986.
2. M. I. França, *Psicanálise, Estética e Ética do Desejo*, São Paulo, Perspectiva, 1997.
3. H. Vital Brazil, *O Sujeito da Dúvida e a Retórica do Inconsciente*, Rio de Janeiro, Imago, 1998.
4. S. Freud, *La interpretación de los sueños*, in *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1986, vol. IV e V.
5. J. Lacan, "Sur la signification du phallus", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966 (tradução brasileira, Perspectiva, 1978).